

Ipameri, legado de respeito.

Próximo de liquidar seu plantel, João Paulo Porto conta como construiu um patrimônio genético e participou efetivamente da modernização do Canchim.



FOTOS: MAURY DORTA/EMBRAPA

Criatório fez história na produção de touros com DEPs equilibradas e fenótipo funcional

CAROLINA RODRIGUES

Era novembro de 2017, final da Prova Canchim de Avaliação de Desempenho, considerada o Oscar do gado Canchim, quando João Paulo Canto Porto, nome dos mais conhecidos na raça, anunciou que liquidaria seu plantel, após quase quatro décadas de dedicação e investimentos. O que motivou tal decisão é um problema recorrente e preocupante da atual pecuária de corte: o desinteresse dos filhos pela atividade e a temida falta de sucessão para os negócios. “Foi uma das mais difíceis que já tomei”, disse o criador, frente ao público de quase 200 pessoas que acompanhavam os resultados da prova, em Angatuba, SP. Ele relembrou parte de sua trajetória e agradeceu o apoio de pesquisadores, amigos e diretoria da Associação Brasileira de Criadores de Canchim (ABCCAN), entidade da qual participou efetivamente, incluindo dois mandatos consecutivos como presidente em épocas decisivas para a consolidação da raça no País. A data do leilão - 22 de abril próximo - foi anunciada no início de março, quando era fechada esta edição de DBO.

Apaixonado pela seleção, João Paulo Porto iniciou seu trabalho em 1981, 28 anos após o surgimento da raça, pelas mãos de Antônio Teixeira Vianna, pesquisador da Embrapa Sudeste, que tinha como objetivo trabalhar na composição de um bovino que se adaptasse melhor às diferentes condições climáticas brasileiras, com adicionais em ganho de peso. Porto foi um dos primeiros a estru-

rar um plantel de animais registrados e precursor no uso de touros próprios para testar a qualidade dos reprodutores na produção de bezerros cruzados com o Nelore na Fazenda Santa Helena, em Jussara, GO. “Decidi tratar o Canchim como raça, não apenas como produto experimental oriundo de sangue 5/8 Charolês com 5/8 zebu, como predominava naquela época. Vi que existia potencial para o nosso gado e decidi explorá-lo em todas as possibilidades que surgiam”, conta Porto, que, além de pecuarista, é engenheiro químico.

Tal instrução, segundo ele, sempre o ajudou a pensar a raça pela parte técnica em parceria com outros criadores, como o saudoso Francisco Jacintho, o Xixico, com quem organizou as primeiras viagens para a França e para os Estados Unidos, de onde importou sêmen dos melhores touros Charolês, dando espaço às iniciativas que ganharam estrada País afora.

Por mais funcionalidade

Um dos seus principais desafios como presidente da associação brasileira de criadores, ainda em 1992, foi a introdução o cruzamento MA no sistema de registro definitivo, visando à evolução genética da raça e à injeção de linhagens americanas do Charolês em detrimento das francesas utilizadas no Brasil até então. O objetivo era corrigir “deficiências” da raça e introduzir características produtivas ao rebanho brasileiro por meio de linhagens já selecionadas para facilidade de parto, pelagem curta e pigmentação bem definida. O criador foi, também, o primeiro a ter um animal MA registrado. “Na verdade, não me considero um visionário, nem grande inventor. Dediquei-me a criar uma raça oriunda do cruzamento de um zebu com um europeu e aprendi, com minha própria raça, que cruzamentos sempre resultam em maiores ganhos”.

O esquema MA consistia em uma série deles. Inicialmente, cruzava-se um touro Canchim com uma vaca Nelore, que resultava na vaca A. O touro Nelore com a vaca Canchim também produzia a vaca A. Esta vaca, por sua vez, cruzada com um touro Charolês resultava no touro MA. O touro MA cruzado com a vaca MA produzia, enfim, o Canchim puro e apto para registro. O cruzamento representava também uma pequena mudança na composição sanguínea dos animais, que saía de 62,5% para 65% de sangue europeu.

Segundo o criador, aquele foi o início da evolução genética do Canchim e o que deu abertura à introdução das DEPs (Diferença Esperada da Progenie) já na década seguinte, em parceria com a Embrapa Gado de Corte,

com mudanças substanciais quanto à fertilidade dos touros, habilidade materna das fêmeas e conformação frigorífica dos animais. “Eu, como criador do Centro-Oeste, optei por um gado rústico e pesado, mas seleção é constância. Os animais devem ser equilibrados, seja nas DEPs, seja no fenótipo.”

O conceito, ele ainda o aplica na seleção. Em 2017, o criador importou uma remessa de sêmen do touro Ledger, líder do sumário americano de Charolês, para não perder de vista o aprimoramento das características necessárias para garantir ao Canchim Ipameri boa estrutura óssea e musculatura, excelente rendimento de carcaça e precocidade nos cruzamentos e nos abates, principal nicho do mercado de touros Canchim.

Ampla horizonte

Segundo estudo da Embrapa Pecuária Sudeste, cruzamentos Canchim com Nelore geram animais para abate com peso de 2,7@ superior ao Nelore puro. A proporção chega a ser de 19,3 @ ante 15,8@. O ganho equivale à antecipação da idade de abate em seis meses, tendo como base condições de pastagem com taxa de lotação média de 1 unidade animal por hectare (UA/ha), hoje realidade da maioria das propriedades brasileiras. Na prática, isso ocorre em função da melhor conversão alimentar gerada pelo vigor híbrido obtido, explica a pesquisadora Cintia Marcondes, da Embrapa Pecuária Sudeste, já que introdução de 5/16 de genes oriundos do Charolês em animais zebuínos aumenta a eficiência nutricional, com a mesma oferta quantitativa e qualitativa de pasto.

A comprovação de superioridade em rendimento frigorífico e ganho de peso, com o adicional da rusticidade, é hoje a principal bandeira dos criadores no fomento e divulgação da raça, que tem pela frente a difícil tarefa de aumentar sua competitividade no mercado de reprodução. No último relatório da Associação Brasileira de Inseminação Artificial (Asbia), publicado no segundo semestre de 2017, a venda de sêmen fechou com queda de 18%, registrando 7.706 doses comercializadas em 2016, ante 9.423 vendidas em 2015.

Algo bem diferente se vê no comércio de touros. No ano passado, o comércio de reprodutores ultrapassou 250 exemplares, número que não se via nas pistas desde 2012. Somente na Ipameri, o preço médio girou em torno de R\$ 7.500 por animal vendido na “porteira”, valor similar ao registrado nos pregões da raça. Esta realidade evidencia o fato de que o cliente da raça Canchim dá preferência à utilização do touro em detrimento da inseminação.

É nesse sentido que Porto aposta cada vez mais na utilização dos touros Canchim no tricruzado, como terceira raça no cruzamento com fêmeas meio-sangue Nelore e Angus. “À medida que os resultados obtidos com o emprego do Canchim tornam-se mais conhecidos, a tendência é seu melhor uso nos cruzamentos”, avalia. Antes, o Canchim era procurado exclusivamente por criadores de São Paulo, norte do Paraná, Mato Grosso do Sul e Goiás. Hoje, a demanda espalha-se tam-



Novilhas em recria na Fazenda Santa Helena, em Jussara, GO

bém por Mato Grosso, Bahia, Pará e Tocantins, Estados compradores da genética Ipameri.

Na última safra foram produzidos cerca de 100 touros adquiridos por uma clientela cativa e dispersa por vários Estados, motivo que reforçou a ideia da liquidação. “Gostaria muito de preservar tudo o que consegui em prol do desenvolvimento genético e a maneira mais segura de garantir isso será repassar este legado para os atuais criadores, que, assim como eu, têm muito amor pela raça”, diz.

Produção multifacetada

Além da produção de touros líderes na venda de sêmen, todos bem posicionados no Sumário Geneplus da Embrapa Gado de Corte, a Ipameri produziu animais que marcaram história por apresentar uma régua equilibrada de DEPs, sinal de uma seleção “multifacetada” e voltada para diversas características de real interesse econômico. Bom exemplo é Abio MN da Ipameri, responsável por produzir inúmeros descendentes ganhadores das provas de desempenho (PCADs), com excelentes avaliações também em características de carcaça. O animal tem IQG (Índice de Qualidade Genética) Top 0,1%, o que o coloca como um dos melhores touros do Sumário Geneplus, além de “transmitir a melhor pelagem dentro da raça, com filhos de excepcional desenvolvimento”, acrescenta Maury Dorta, técnico da Embrapa e responsável pelas avaliações da PCAD. Abio é irmão próprio de Uruguai da Ipameri, ambos filhos de Quixuxu da Ponte Alta, Reservada Campeã Nacional 2004 e matriarca que produziu grandes destaques do plantel, hoje com 200 matrizes PO que irão à venda na liquidação.

O rebanho total contabiliza 12.000 animais, incluindo gado comercial, que embora não desperte a mesma paixão que o Canchim, tornou-se uma opção rentável para o criador nos últimos anos. Na Fazenda Santa Helena são produzidos animais precoces e superprecoces, com um abate de cerca de 5 mil cabeças por ano. O pecuarista aproveita os ganhos proporcionados pela genética aliada à agricultura (sorgo, soja, milho e feijão) para se aprimorar no cruzamento industrial, atividade que dará continuidade junto aos filhos. “Seleção demanda tempo, juventude e força de trabalho. Do alto dos meus 78 anos já me sinto lisonjeado pelas oportunidades que tive e pelas escolhas que fiz. O Canchim foi, sem dúvida alguma, a melhor delas.” O projeto conta com outra propriedade rural em Barra do Garças, MT, dedicada exclusivamente à cria. ■

“

A decisão de me desfazer do plantel foi uma das mais difíceis que já tomei”

João Paulo Canto Porto